



UNICAMP

EVENTO: FESTIVAL DE SALZBURGO

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 25 de Julho de 96

PÁGINA: D-16

SEÇÃO: CADERNO 2



Salzburgo está cada vez menos comportada

O diretor do festival da cidade, Gerard Mortier, atacou a mesmice do repertório dos concertos

CARLOS HAAG

Enquanto Bayreuth luta contra a estagnação, Salzburgo está cada vez menos comportada. Essas inovações são obra de um polêmico advogado belga, Gerard Mortier, antigo intendente da Ópera de Bruxelas, que foi chamado, em 1989, para pôr ordem no templo que a "máfia" de Karajan (nas palavras de Mortier), instalada no poder de 1957 a 1988, tinha entregue a vendilhões do mercado fonográfico, contentando o gosto conservador público com operações tradicionais. O ex-advogado enxugou a máquina, equilibrou o orçamento e, assim que pôde, atacou a mesmice do repertório enfrentando a ira de velhinhos e velhinhas.

Recebendo uma média de 200 mil turistas durante o verão, o Festival de Salzburgo tem de lutar para conquistar para seus cofres a parcela de despossuídos que não pode consumir, na cidade, muito mais do que alguns bombons Mozart. Com um dos ingressos mais caros do mundo, Salzburgo ainda tem de enfrentar a ira da imprensa conservadora vienense, que gostaria de ver o festival de volta a mesmice luxuosa da era Karajan. Mortier falou, da Áustria, ao Estado.

Estado — Qual o sentido que ainda tem um festival como o de Salzburgo?

Gerard Mortier — No século passado, ele foi concebido por Hoffmannstahl como forma de conservar a tradição cultural austríaca e barroca, enquanto o resto do mundo efervescia com a modernidade, espírito ausente dos primeiros festivais. Aos poucos, com o recém-falecido von Einem, houve uma modernização do repertório que não resistiu à ênfase de Karajan na qualidade das performances tradicionais. Ao final do século, enfrentamos a arte transformada em investimento, vítima da "tecnologização" e da charlatanice dos três tenores, algo que nada tem a ver com arte. Salzburgo surge então como um lugar de encontro para que a arte possa servir como forma de pensar o mundo.

Estado — Mas em que sentido se entende a palavra tradição?

Mortier — A tradição sempre fará parte do festival e por ela entendendo as obras que olham mais para o passado do que para o futuro. Algumas bem mais no passado, como certas óperas de Puccini e Richard Strauss. Elas só entrarão se ainda tiverem algo a dizer sobre o mundo de hoje. Veja, *Os Troianos*, de Berlioz, tem muito mais coisas a dizer ao homem atual do que, por exemplo, *Arabella*, de Strauss. Mozart e seu *Così fan Tutte* transpiram modernidade, enquanto muita obra dita de vantagem por aí é reacionária.

Estado — Os críticos do festival dizem que o contemporâneo afasta o público de Salzburgo. Isso é verdade?

Mortier — De forma nenhuma. Quando assumi, a nossa renda de bilheteria era de US\$ 23 milhões e, hoje, após a modernização, ela chegou a US\$ 32 milhões, um acréscimo de 4%. A questão é como aproximar as pessoas do novo. Certamente, não dizendo a eles que são idiotas por não gostarem dela, mas incentivando a curiosidade do público. Aliás, a única exigência que faço a quem vem a Salzburgo é que gostem de descobrir. Não quero intelectuais ou carrancudos, mas curiosos que queiram rir e se divertir.

Estado — Qual é o perfil do público que frequenta o Festival de Salzburgo?

Mortier — Pela pesquisa feita no momento em que cheguei à direção do festival, a idade média do público beirava os 65 anos, faixa que considero bem velha. Afinal, ainda estou nos meus 50 anos e me considero bem jovem (*risos*). Com a modernização do repertório, isso está mudando e os jovens estão vindo a Salzburgo. O grande problema continua a ser o alto preço dos ingressos, já que somos o festival europeu com o menor



Programação é moderna e contemporânea

Este ano, mais uma vez não há espaço para os tradicionalistas na cidade austríaca

Os tradicionalistas continuarão chupando o dedo. A programação do Festival de Salzburgo de 1996 está ainda mais concentrada nas composições modernas e contemporâneas, seguindo o perfil apresentado no ano passado, quando, pela primeira vez, 60 anos após sua estréia, *Lulu*, ópera atonal e dissonante de Alban Berg, teve a permissão de adentrar o Festspielhaus. Este ano, o barulho do decafonico será ainda maior.

Para quem perdeu a edição do ano passado, vale a pena conferir os dois Mozart de fôlego, mesmo que repetidos. *As Bodas de Figaro* teve direção de Luc Bondy e, substituindo Nikolaus Harnoncourt, o maestro Edo de Waart. Já *Don Giovanni* vem na régie de Patrice Chéreau e, no lugar de um ocupado Barenboim, o pouco conhecido Donald C. Runnicles.

Charme — A novidade é que o festival resolveu passar a limpo *Fidelio*, ópera única de Beethoven, e programou uma montagem em grande estilo com a regência de sir Georg Solti e a presença de Cheryl Struder e Ben Heppner. Mas, para os arqueólogos musicais, o charme é a inclusão *Leonore*, versão prévia de *Fidelio*,

que contém todas a música de Beethoven sem os cortes posteriores para Viena. A regência é de John Eliot Gardiner, ao lado de sua Orquestra Romântica e Revolucionária.

Para os germanistas e românticos inveterados, a dica é a ópera *Oberon*, de Carl Maria von Weber, em montagem de Klaus Metzger, a regência de Sylvain Cambreling e as participações de Martin Benrath e Edith Clever. Quem não tem problemas auditivos — ou, ainda melhor, ouve pouco — há a estréia de *Elektra*, a barulhenta ópera de Richard Strauss, dirigida pelo grão senhor da regência, Lorin Maazel, régie nipônica de Keita Asari e as presenças fulgurantes de Leonie Rysanek, medalha bayreuthiana, e Hildegard Behrens.

Agora, se você é totalmente despedido de preconceitos, é impossível não assistir a *Moses e Arão*, ópera de Arnold Schoenberg e uma das mais intensas partituras dramáticas deste século. A regência está a altura: Pierre Boulez. A direção cênica ficou com Peter Stein, responsável pelo Teatro de Salzburgo. Schoenberg une forças com Olivier Messiaen em *Pierrot Lunaire* e *Quarteto para o Final dos*

Tempos. Será ver para crer e se assustar.

Mas Salzburgo ainda comporta concertos sinfônicos. No programa *Música de Nosso Tempo*, será possível ver e ouvir Boulez regendo a *Sétima*, de Mahler, cuja bem sucedida gravação acaba de sair na Europa. Claudio Abbado estará à frente da Filarmônica de Bratislava, coro e solistas, para o *Gurrelieder*, de Schoenberg. O regente vedetinha Simon Rattle dirigirá a Filarmônica de Viena num programa exótico de Bartók e Beethoven.

Para os apaixonados pelo teclado, vão estar em Salzburgo Alfred Brendel, ao lado da Orquestra de Cleveland e Christoph von Dohnanyi; Maria João Pires com a Orquestra do Concertgebouw, de Amsterdã, e Riccardo Chailly; e recitais solos do Maurizio Pollini, ganhador recente do prêmio Siemens, na Alemanha, e a apaixonante Mitsuko Uchida tocando Schubert, Berg e Webern.

O momento de grande elevação espiritual ocorrerá quando o maestro histórico John Eliot Gardiner levantar sua batuta para dirigir uma versão de época da portentosa *Missa Solemnis*, de Beethoven, com o Coro Monteverdi e a Orquestra Revolucionária e

Romântica. Como solistas, Anne Sophie von Otter, Luba Orgonova, Michael Schade e Alastair Miles. Outro "monstro sacro" será a apresentação do *Réquiem*, de Verdi, nas mãos de Zubin Mehta e o Coro e a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino.

Orientação — Ainda há recitais de lieder com Hermann Prey, Thomas Hampson, Nicolai Gedda e, mais uma vez, Anne Sophie von Otter. Entretanto, o Festival de Salzburgo não se esquece de que começou com o teatro e esse está mais do que bem representado. William Shakespeare é sempre um campeão de audiência e neste ano não há mudanças nessa orientação.

Sonho de uma Noite de Verão, com Otto Sanders, o ator favorito de Wim Wenders quando quer filmar algo ligado a anjos, e *Ricardo II*, com Fiona Shaw, dão o tom elizabetino. As profundezas melancólicas de Chekhov vêm bem representadas na montagem de Peter Stein de *O Jardim das Cerejeiras*, estrelada por Jutta Lampe e Peter Simonischek. Tradição que se repete ad nauseam, *Jedermann*, de Hugo von Hoffmannstahl, idealizador do festival, poderá ser visto por toda a temporada. A nota curiosa é Isabel Karajan, filha do regente, num papel secundário, provando que a família gosta do clima de Salzburgo. (C.H.)

porcentual de subsídios estatais. Só recebemos 25% dos nossos custos e, logo, somos obrigados a sustentar o restante exclusivamente de nossa bilheteria e de alguns patrocinadores. Seja como for, o problema da idade não me preocupa, pois há muito jovem reacionário e muitos velhinhos bem avançadinhos.

Estado — Quanto de verdade há nas constantes denúncias de que o festival vive em crise?

Mortier — No ano passado, tivemos um superávit de US\$ 2 milhões, mas ainda assim as coisas não são fáceis. Procuramos, então, trabalhar com poucos funcionários, uns 800 no máximo, e recusar entrar na ciranda dos cachês milionários que alguns artistas gostam de praticar por aí. Considero que se apresentar em Salzburgo é uma grande honra e o dinheiro não deve ser o mais importante. Além do mais, evito gastar tanto em cenário e figurinos, compensando luxúria com criatividade.

Estado — Criatividade tem a ver com escândalo? Algumas óperas optam pelo escandaloso gratuito como forma de atrair público.

Mortier — Isso existe em todo lugar e faz parte de uma relação espúria da arte com a mídia, em que a calcinha da jovem cantora é mais importante que a sua voz. O problema é que muitos lêem essas coisas e passam a associar arte moderna ao lixo escandaloso de alguns lugares. É preciso lutar contra a gratuidade promocional, embora nem todos os meus colegas se interessem por essa briga.

Estado — Sua briga pela qualidade costuma incluir boas farpas para a falta de qualidade de eventos como os dos três tenores. Isso não lhe traz problemas?

Mortier — Você não imagina quantos, mas não posso ficar quieto enquanto as pessoas são enganadas por essas coisas, levando um produto de mercado, enquanto pensam estar consumindo arte. O que eles definitivamente não fazem. Seus shows são megaeventos comparáveis aos dos Beatles, mas, pessoalmente, acho que as apresentações desses últimos são muito melhores. Perguntei, certa vez, a Plácido Domingo, um artista culto e inteligente, por que faziam esse tipo de enganação. É claro que por dinheiro. Se ainda fosse para ajudar pessoas necessitadas, doentes, eu até entenderia, mas é tudo negócio. Se for para alguém como ele cantar, que seja o *Otelo*, de Verdi, e não um *O Sole Mio*, não é verdade?

Estado — Falando em colegas, como o sr. se lembra do escândalo provocado com a saída de seu antecessor, Herber von Karajan?

Mortier — Há seis anos que não falo mal dele e não quero me repetir (*risos*). Mas acho que uma gravadora não deve intervir no perfil de um festival. Não tenho nada contra eles, mas, para usar um metáfora bíblica, desde que fiquem do lado de fora do templo. No caso de Karajan, em seus últimos anos, acho que houve uma conexão muito forte e perniciosa entre a direção de Salzburgo e esse mercado, mais do que admitiria a decência artística. Mas acho que não se pode negar o glamour que trouxe ao festival durante todos os anos de sua direção. Apenas poderia ter sido mais comedido.

Estado — Que novidades esperar para o ano que vem?

Mortier — Espero conseguir achar compositores talentosos que criem novas obras para o festival e diversificar, ainda mais, a união das artes. Para 1997, teremos uma nova produção com o cineasta Hal Hartley, que prepara um novo script para Salzburgo, bem como a dobradinha entre David Bowie e Bob Wilson.

Estado — Como diferenciar Salzburgo e Bayreuth?

Mortier — Acho que somos a contrapartida intelectual da tradição de Bayreuth, mais para o establishment. Mas há que se valorizar o desafio enfrentado por Wolfgang Wagner de encarar sempre o mesmo repertório e dar a ele uma cara nova. Acho que, no futuro, eles terão de abrir suas portas para outros compositores, coisa que estaria ocorrendo se Wagner estivesse vivo. Não invejo a posição de Wolfgang (*risos*).